

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2010

AIRES BARBOSA, *O MESTRE GREGO*: HELENISTA OU LATINISTA?

Para quem conheça medianamente o humanista Aires Barbosa, a questão que colocamos no título deste artigo tem resposta evidente: foi o maior especialista ibérico em grego no primeiro quartel do século XVI – e daí o epíteto *Mestre Grego*, que o afamou. Mas Barbosa foi igualmente um grande latinista, pois regeu as principais cátedras no âmbito da língua e da literatura latina, em Salamanca, e deixou-nos uma preciosa obra escrita em latim. Aliás, tudo quanto o humanista escreveu foi na língua latina. Mais ainda: os seus escritos tomam por base obras latinas, que comenta ou que imita. Logo, uma segunda pergunta se impõe: revelará a obra latina de Barbosa a sua erudição helénica?

Temos, portanto, duas questões a que procuraremos dar resposta ao longo destas linhas, começando pela primeira (a do título), que desenvolveremos com brevidade, pois trata-se apenas de confirmar factos conhecidos e já estudados por outros, e tentando desenvolver mais detalhadamente a segunda.

Aires Barbosa foi pioneiro no ensino do grego, a nível universitário, na Península Ibérica. Quando a cátedra de Grego arranca em Alcalá de Henares, pela mão do Cardeal Cisneros, em 1508¹, já na Universidade de Salamanca ela apresentava funcionamento efectivo havia década e meia, sendo o seu primeiro regente Aires Barbosa. Na verdade, a cátedra de Grego, criada em Salamanca em 1480, só arrancaria em 1495, quando Barbosa começou a regê-la.

Persistem, todavia, algumas dúvidas sobre o ano em que começou o ensino do grego em Salamanca. López Rueda apresenta o testemunho do próprio Aires Barbosa, onde este refere claramente que chegou a Salamanca em 1495 – «[...] ad IIII kalendas Iulias Salmanticam ueniens anno uidelicet a generi Liberatoris Nostri m. ccccxcv» (*Prosodia*, Salamanca, 1517, sign. a 4) – e que, por essa altura, o humanista iniciou a sua actividade docente: «Haec

¹ Cf. José López Rueda, *Helenistas españoles del siglo XVI*, Madrid, Instituto Antonio de Nebrija, 1973, p. 17-19 e 418.

ego cum primum Salmanticam ueni, rei grammaticae doctoribus inculcare non desistebam» (*ibidem*, fl. v vº)². Não obstante, López Rueda apresenta dois testemunhos que poderiam baixar essa data para o ano de 1489: o cabeçalho de uma carta de Pedro Mártir datada desse ano, que menciona Barbosa como professor de Grego – «Ario Barbosa Graecas Litteras Salmanticae profitenti ualetudinario»; e as palavras de Diego López de Zúñiga (*Annotationes contra Erasmus*, Alcalá, 1520, fl. iii vº), que, em 1519, dizia que o grego era ensinado em Espanha havia trinta anos – «ab annis hinc triginta»³. A segunda referência parece-nos demasiado genérica para podermos precisar o ano a que se refere; quanto à primeira, Alberto da Rocha Brito apresenta algumas provas bastante consistentes de que a data da missiva está trocada (1489 por 1498)⁴. Devemos ainda acrescentar o testemunho de Maríneo Sículo que, no *De Laudibus Hispaniae*, deixa entender que a disciplina já figurava nos planos de estudo da Universidade pelo menos em 1495, sendo seu regente Aires Barbosa: «Graece autem docet Arius Barbosus, uir et Graece et Latine facundus»⁵. A verdade é que o desaparecimento dos *Livros de claustros* da universidade salmantina de 1480 a 1503 invalida que se possam fazer afirmações categóricas acerca do ano exacto em que começou o ensino do grego em Salamanca, mas tudo aponta para 1495, como sustenta López Rueda⁶.

Se nos detivemos um pouco neste preciosismo cronológico é porque dele resulta muita da fama que Barbosa granjeou em Salamanca: ao ser pioneiro no ensino do grego na Península, facto deveras importante *per se*, também ele influenciou outros mestres, seus discípulos e amigos, como Francisco de Vergara, o catedrático de Grego mais importante em Alcalá no

² Cf. *ibidem*, p. 53-54.

³ Cf. López Rueda, *op. cit.*, p. 53-54.

⁴ Cf. Alberto da Rocha Brito, «O aveirense Aires Barbosa, o italiano Pedro Mártir e a sífilis», *Arquivo do distrito de Aveiro* 12 (Aveiro, 1946), p. 283-284. Entre os argumentos aduzidos pelo autor, salientamos o não emprego da expressão «morbo gálico» em data anterior a 1494 para designar a sífilis. Esta carta foi publicada no *Opus epistolarium Petri Martyris Mediolanensis* (Alcalá de Henares, 1530) e por ela sabemos que Barbosa terá sofrido de sífilis. O amigo, Pedro Mártir de Anguiera, exorta-o a sofrer com coragem e resignação o seu mal.

⁵ Vd. Lúcio Maríneo Sículo, *De Laudibus Hispaniae*, Salamanca, 1495, fl. xxii.

⁶ Cf. López Rueda, *op. cit.*, p. 55.

século XVI. E se «o helenismo espanhol tem o seu berço em Salamanca»⁷, Barbosa foi a primeira mão a embalar o berço. Mérito reconhecido por muitos, como António de Honcala, que o afirma superior nas duas línguas clássicas, mas particularmente famoso pela helénica – «Fulget utrinque potens linguis, sed primos Iberos / quod Graece docuit nomina Graecus habet»⁸; ou ainda André de Resende que, por volta de 1517, se dirigiu a Salamanca para aprender grego com Aires Barbosa – «docuit nam primus Iberos / Hippocrenaeo Graias componere uoces / oras»⁹.

De notar ainda que, frequentemente, é pelo epíteto *Mestre Grego* que o seu nome aparece registado nos *Livros de claustros*, como quando devolveu um empréstimo que o Estudo lhe havia concedido – «[...] el Maestro Griego pagó al arca del Estudio cuatrocientos reales que le habían prestado [...]; ou ainda quando teve a honra de ser um dos eleitos que o conselho universitário, após longa e participada reunião, decidiu «enviar al rey don Felipe, nuestro señor – a le besar las manos en nombre de la Universidad – al maestro Johannes, vicescolástico, y al doctor Luna y al Maestro Griego»¹⁰.

Em 1503, Aires Barbosa acrescentou à docência do grego a cátedra de Retórica, que abandonaria quando, em 1509, conseguiu a regência da cátedra

⁷ Vd. *ibidem*, p. 419, tradução nossa.

⁸ Trata-se de um poema dirigido aos leitores, que abre a primeira obra publicada do aveirense, e onde Honcala tece os maiores elogios ao amigo. Vd. Barbosa, *Arii Barbosaes Lusitani in uerba M. Fabii: quid? quod & reliqua. Relectio de uerbis obliquis*, Salamanca, 1511, fl. a, v. 3-4.

⁹ Vd. André de Resende, *Elogio de Erasmo (Erasmii encomium)*, estabelecimento do texto e tradução de Walter Medeiros e José Pereira da Costa, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1961, v. 240-242.

¹⁰ Vd. Armando de Jesus Marques, *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares lusos no governo do estudo (1503-1512)*, Ed. Universidad de Salamanca, 1980, p. 178 e 140-141. Os textos dizem respeito às efemérides de 24-12-1507 e de 30-6-1506, respectivamente. Armando Marques analisa os *Livros de claustros* da universidade salmantina dos anos 1503 a 1512, organizando quatrocentas e treze entradas de notícias com informações sobre a «participação dos escolares lusos no governo do Estudo» (subtítulo da obra). Aires Barbosa é, de longe, o português que mais se destaca (o seu nome consta em setenta e seis daquelas entradas), aparecendo associado à organização de cursos, à escolha de professores, a actos de gestão académica, como a emissão de pareceres sobre regulamentação de exames ou programas de estudo, entre outros.

de Gramática, mais prestigiada e com um salário muito superior¹¹. No entanto, e embora a remuneração fosse modesta, treze mil maravedis¹², nunca abandona o ensino do grego, durante mais de duas décadas de actividade docente, «tendo o privilégio de ser o introdutor do ensino do grego naqueles Estudos Gerais e em toda a Península Ibérica, e o único durante 25 anos a leccionar ao mesmo tempo as duas línguas grega e latina»¹³. É no âmbito da regência das cadeiras de Latim (Retórica e Gramática) que se enquadra a maioria das publicações do nosso humanista: entre os anos de 1511 e 1517, fez sair a lume cinco obras de carácter didáctico, destinadas fundamentalmente a esclarecer os seus discípulos acerca das matérias leccionadas. O obstinado interesse de Barbosa em conseguir a cátedra de Gramática (objectivo alcançado em 1509)¹⁴ é também perceptível nestes escritos, cujos assuntos revelam o quanto Barbosa prezava as questões gramaticais da língua latina: quatro opúsculos, um sobre verbos impessoais (Salamanca, 1511), outro sobre métrica latina (Salamanca, 1515), um terceiro sobre ortografia (Salamanca, 1517) e, finalmente, sobre prosódia (Salamanca, 1517). A tais opúsculos acresce o seu extenso *Comentário à “Historia apostolica” de Arátor* (Salamanca, 1516), onde, além das considerações de teor teológico, bíblico ou histórico, o humanista se estende em apreciações estilísticas, etimológicas, métricas e sintáctico-semânticas. Além destas cinco obras didácticas, temos ainda o poema *Antimoria* (Coimbra, 1936) e duas publicações de epigramas (Salamanca, 1517; e Coimbra, 1936). Toda a sua

¹¹ Segundo Enrique Esperabé Arteaga (*Historia pragmática é interna de la Universidad de Salamanca*, tom. 2, Salamanca, Lib. de F. Nuñez Izquierdo, 1917, p. 247), o salário de Retórica era de 60 florins, ao passo que o de Gramática era quase o dobro, 100 florins. Note-se ainda que Barbosa concorreu à cátedra de Gramática por três vezes: em 1503, foi vencido por Pedro Espinosa; mais tarde, em 1505, desistiu em favor do outro concorrente, o seu amigo e antigo mestre António de Nebrija; e só em 1509, por renúncia de Nebrija, Barbosa conseguiu a tão almejada cátedra.

¹² Cf. *ibidem*, p. 328.

¹³ Vd. Sebastião Pinho, «Aires Barbosa e os seus “cem exórdios retóricos”», *Humanismo em Portugal. Estudos*, I, Lisboa, IN-CM, 2006, p. 116.

¹⁴ Cf. Marques, *op. cit.*, p. 29, 64-69, 109 e 215-217. Armando Marques dá conta das polémicas e possíveis compadrios que envolveram a derrota do humanista português face a Pedro Espinosa, em 1503; do altruísmo da sua desistência em 1505; e, finalmente, das reticências com que a universidade salmantina lhe concedeu a tão desejada cátedra, em 1509, apesar de Barbosa ter concorrido sozinho.

obra foi, portanto, escrita em latim; boa parte dela versa sobre questões de língua latina; nos epigramas procura imitar um género consagrado em Roma por poetas como Marcial; e, em três dos seus trabalhos, há o objectivo confessado de tomar por base outros tantos autores latinos: o *Comentário à “Historia apostolica”* versa, naturalmente, sobre a análise da epopeia bíblica do poeta cristão Arátor (ca. 490-ca. 550); a releção sobre os verbos impessoais parte de uma passagem de Quintiliano, que lhe inspira o título – *Arii Barbarosae Lusitani in uerba M. Fabii: quid? quod & reliqua. Relectio de uerbis obliquis*¹⁵; e, finalmente, na *Antimoria*, Barbosa propõe-se combater as ideias defendidas em prosa pelo célebre Erasmo de Roterdão no *Encomium moriae* (publicado em 1509), usando o verso e tomando por modelo Prudêncio – «Erasmus undanti solutae uocis eloquio qua libitum est illi digredi excurrit. Nobis placuit Prudentium imitari carmen scribentibus, qui pedum numeris astricti liberi diuagari non possumus»¹⁶.

Pelo exposto, fica evidente que quem se interessar pelos escritos do humanista aveirense descobrirá com facilidade o latinista. Sobre o *Mestre Grego*, não basta ficarmo-nos pelos abundantes testemunhos que possuímos acerca do seu pioneirismo e da excelência do seu ensino na língua helénica. É necessário ir à sua obra e verificar as constantes referências ao grego. Tomemos por exemplo a sua obra-prima, o *Comentário à “Historia apostolica” de Arátor*, seleccionando os cinquenta fólhos que constituem o comentário ao segundo livro, e descubramos aí a erudição helénica de Barbosa.

Começemos pela grafia. Considerando o conjunto da obra barbosiana, só na *Antimoria*, impressa na tipografia do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, nos aparecem caracteres gregos. Em todas as outras obras, publicadas em Salamanca, o grego é transcrito em caracteres latinos, por contingências técnicas da tipografia salmantina, que não possuía os gregos. Apresentamos dois exemplos, que se referem à pregação de S. Paulo em Atenas. No primeiro, Barbosa cita um passo de Luciano (*Herm.*, 64), onde diz que, no Areópago, os juízes julgavam de noite para que “se atendesse

¹⁵ Cf. Quint., *Inst.*, 1, 4, 29: «Quid? quod multa uerba non totum declinationis ordinem ferunt? Quaedam etiam mutantur, ut “fero” in praeterito, quaedam tertiae demum personae figura dicuntur, ut “licet”, “piget”» (sublinhado nosso).

¹⁶ Seguimos a edição de José Pereira Tavares, «Tradução do poema *Antimoria* e dalguns epigramas de Aires Barbosa», *Arquivo do distrito de Aveiro* 26 (Aveiro, 1960), p. 28.

àquilo que era dito e não a quem o dizia”; no segundo, refere uma entrada da *Suda* (nº 1272, s.v. Κέκροψ) que explica a origem do gentílico “Cecrópidas” para designar os Atenienses:

– «*oi en nycti cai scoto dicazousin os mi es tus legontas alles ta legomena apoblepoien*» (fl. cxxiii vº, l. 41-42)

(οἱ ἐν νυκτὶ καὶ σκότῳ δικάζουσιν, ὥς μὴ ἐς τοὺς λέγοντας, ἀλλ’ ἐς τὰ λεγόμενα ἀποβλέπειν)

– «*cecrops aigyptios onto genos ocese tas athenas hothen cecropidae oi athenaioi*» (fl. cxxiii, l. 7-8)

(Κέκροψ, Αἰγύπτιος ὦν τό γένος ὤκησε τὰς Ἀθήνας, ὅθεν Κεκροπίδαι οἱ Ἀθήναιοι)

O interesse deste cotejo reside sobretudo na pronúncia do grego no início do século XVI (recorde-se que o comentário barbosiano foi publicado em 1516) e, sem nos querermos alargar em grandes considerações, cumprenos salientar certos aspectos a partir dos dois exemplos citados: a vogal inicial ou ditongo com espírito áspero não era aspirada (“oi”, “os”) nos monossílabos, mas era-o em palavras com mais do que uma sílaba (“hothen”); o thêta era sempre aspirado (“athenas”); nem sempre o êta correspondia ao /e/ (“ocese”), mas também ao som /i/ (“mi”), em sílaba final. Na transcrição latina é-nos impossível verificar a distinção, ao nível da prosódia, entre épsilon e êta ou entre ómicron e omega, dado que a grafia é sempre igual (*e* e *o*, respectivamente), mas cremos que ela era feita.

A citação dos autores helénicos é, efectivamente, o primeiro aspecto que devemos destacar quando tratamos da erudição helénica do *Mestre Grego* no Comentário. Luciano, que aparece três vezes ao longo do segundo livro, é sempre citado em grego, mas vários outros são referidos no original, tais como Píndaro (fl. cxxvi, l. 27-28), Aristófanes (*ibidem*, l. 28-30), Demóstenes (fl. cxlii, l. 10-12) ou Homero (fl. cxliii vº, l. 3). Deve assinalar-se que, com excepção do passo de Demóstenes (*Cor.*, 18, 194) que ocupa três linhas, todos os outros casos são passagens curtas. Por outro lado, autores tão recorrentes como Estrabão ou Aristóteles (ambos referidos por oito vezes) são quase sempre citados em latim e, para a esmagadora maioria dos autores gregos, é este o procedimento usado. Tudo isto nos conduz a um ponto importante: o que levaria Barbosa a citar um autor grego no original, ou na versão latina? Em primeiro lugar, julgamos que a opção de Aires Barbosa por citar um autor grego no original ou na tradução latina não terá sido determinada tanto pelo facto de a imprensa salmantina não possuir caracteres gregos, quanto pela edição a que o humanista tinha acesso. Naturalmente que,

em Salamanca, circulariam mais as traduções do que as edições em grego, nomeadamente para autores como Aristóteles. Em segundo lugar, muitas vezes Barbosa cita livremente as suas fontes, pelo que, embora pudesse ter o original, optaria naturalmente pelo latim, pois é esta a língua usada no comentário, e, em muitos casos, seria mesmo o aconselhável, como podemos exemplificar pela seguinte passagem, onde o humanista cita livremente o *Górgias*, de Platão, a propósito do pensamento do fundador do Estoicismo, Zenão:

– «*Nam [Zeno Citieus] uirtutem solam putauit summum bonum, quam sententiam Socrates in Gorgia demonstrat*». (fl. cxxv, l. 30-31)

Esta oscilação verifica-se também para o título das obras: no que diz respeito a Aristóteles, a *Metafísica* aparece mencionada pelo nome grego *Τῶν μετὰ τὰ φύσικα* (fl. cvi vº, l. 31), e a *Física* é designada quer pelo título original *Φυσίκης ἀκροασέως* (fl. cxliii, l. 2), quer por *Physica auscultationis* (fl. cxv, l. 44), uma tradução literal do título grego para latim. De igual modo, no caso das *Nuvens*, de Aristófanes, a obra é mencionada tanto pelo título latino (fl. cxxvi, l. 28-29: «*Aristophanes quoque in Ranis*») como pelo grego (fl. cxliii, l. 32: «*Aristophanis interpres ἐν Ταῖς νεφέλαις* ait).

Uma vez que o comentário de Barbosa é sobre uma obra latina que, por sua vez, tem por objectivo verter os *Actos dos apóstolos*, de S. Lucas, em verso¹⁷, tomando por base o texto da *Vulgata*, é natural que sejam em número muito superior os autores latinos citados, quer os clássicos (como Cícero, Virgílio, Horácio ou Ovídio), quer os cristãos (como Sto. Agostinho, S. Jerónimo, S. Boaventura ou João Duns Escoto). No entanto, quando a Barbosa se oferece a oportunidade de cotejar os autores das duas civilizações clássicas, o humanista tende a afirmar a superioridade dos gregos sobre os latinos. Por exemplo, quando coteja os dois grandes épicos da Antiguidade clássica, o humanista considera que Virgílio não igualou Homero, antes o imitou e o traduziu, como podemos verificar nos dois passos seguintes:

– «*[...] ut Homerus, qui inducit Vlixem seipsum apud Alcinoium laudantem, unde simia Homerica transtulit illud uulgatissimum: “Sum pius*

¹⁷ Cf. Arátor, *Epistula ad Vigilium*, v. 19-20: «*Versibus ergo canam quos Lucas rettulit Actus, / historiamque sequens carmina uera loquar*».

*Aeneas, raptos qui ex hoste Penates / classe veho mecum, fama super aethera notus*¹⁸. (fl. cxxxv vº, l. 51-52)

– «*Quod fecisse uidemus Homerum in Odyssea, certauit cum illo in Aeneide Vergilius imitatus ipsum potius quam assecutus*». (fl. cxlii, l. 52-53)

Noutro passo ainda, a propósito do desejável enriquecimento do seu Comentário pelas correções que outros lhe possam fazer, aponta um passo de Eurípides, que cita no original, acrescentando que Cícero se apropriou dele, “ao afirmar que os segundos pensamentos são mais sábios”:

– «*Quandoquidem, ut ait Euripides, βροτοῖς αἱ δεύτεραι φροντίδες σοφώτεραι, quod mutuatus Cicero posteriores cogitationes sapientiores esse dixit*»¹⁹. (fl. cxlviii vº, l. 50-51)

Tomemos agora em consideração o comentário estilístico à *Historia apostolica*. Com regular frequência, as figuras retóricas são identificadas pela designação grega. Apresentamos alguns dos muitos exemplos ao longo do comentário:

Prosopopeia: «*Volebat enim mors uincere et corrumpere eum qui erat incorruptibilis, et in hoc erat proterua uidebaturque transgredi modum uincendi. Hoc κατὰ προσωποποιίαν et figurate dictum est*». (fl. cxii, l. 28-30)

Perífrase: «*‘Ultima sors Auerni’, id est, ultima condicio inferni, hoc est, ipsa mors (κατὰ περιφράσιν), quae tandem cunctis mortalibus adest*». (fl. cxii, l. 37-38)

Antífrase: «*‘Et quam bene erat carcer’, scilicet, per ἀντίφρασιν, ut “lucus quia minime lucet”, ita carcer non quod uinctos teneat sed quia uinctos uariis infirmitatibus solueret*»²⁰. (fl. cxii, l. 2-4)

¹⁸ Os passos aqui mencionados são: Hom., *Od.*, 9, 19-20; e Verg., *Aen.*, 1, 378.

¹⁹ Barbosa refere as seguintes passagens: Eur., *Hipp.*, 435-436; e Cic., *Phil.*, 12, 5.

²⁰ Neste passo, Barbosa comenta o facto de o cárcere de Paulo e Silas (*Act.*, 16, 25) servir de libertação para todos quantos lá estavam. Na expressão de Arátor «*quam bene carcer erat* » (sec. 7, v. 29), *carcer* exprime o contrário do seu sentido habitual, por antífrase. Para reforçar o seu pensamento, Barbosa dá o exemplo de uma etimologia *a contrariis*, ou seja, baseada em semelhanças fónicas, mas com resultados semânticos irónicos. Sto. Agostinho refere três destas etimologias antifrásicas bem conhecidas desde a Antiguidade, entre as quais se encontra o exemplo do comentador: «*Nam ‘lucus’ eo dictus putatur quod minime luceat, et ‘bellum’ quod res bella non sit, et ‘foederis’ nomen quod res foeda non sit*» (Aug., *Dia.*, 6).

Hendiádes: «*Sed soluitur per figuram, quae a Graecis dicitur ἐν διὰ δυοῖν, ut illud poetae, «pateris libamus et auro», id est, pateris aureis, ita “Cyprum Salaminaque”, id est, Cypriam Salamina»²¹. (fl. cvi, l. 5-6)*

No âmbito da etimologia, as explicações são quase sempre feitas com recurso ao grego, como se pode observar nos dois casos que apresentamos, em que o humanista comenta os vocábulos *annus* e *architectus*:

– «*Seruius arbitratur apud Graecos ἐνιαυτοῦ uocabulum anno attributum, quasi ἐν αὐτῷ, id est, in se ipso, iuxta illud Maronis in Georgica: “Atque in se sua per uestigia uoluitur annus”*»²². (fl. cxv, l. 55-57)

– «*[...] architectus, id est, princeps faber, ab ἀρχός, id est, ‘princeps’, et τέκτων, id est, ‘faber’*». (fl. cxvi, l. 7-8)

Por vezes, o humanista explica mesmo a formação dos vocábulos gregos, como é o caso de «herói», em que cita livremente o *Crátilo* (398d-398e), de Platão, ou a designação grega da Festa dos Tabernáculos, nos exemplos que a seguir apresentamos:

– «*[...] cum ἤρωας dicat ab εἰρεῖν, id est, ‘dicere’, uel ab ἐροτᾶν, id est, ‘interrogare appellatos’*». (fl. cxxiii vº, l. 53-54)

– «*Inde etiam σκηνοπηγία in neutro genere dicunt Graeci, quae Latini addita aspiratione ‘scenophegia’ proferunt. [...] Α σχήνος, id est ‘habitatio’ uel ‘tabernaculum’, et πήγνυμι, id est ‘figo’ uel ‘conglutino’, in ea enim tentoria figebantur*». (fl. cxxvi vº, l. 16-19)

Relativamente à métrica, embora Aires Barbosa recorra com maior frequência aos poetas latinos, como Virgílio ou Prudêncio, também se serve ocasionalmente dos grandes poetas gregos para explicar metricamente os versos de Arátor, como no caso que apresentamos:

– «*‘Religans’, uersus est μέλιτος, ut uersus ille Homeri: αἰόλον ὄφιν. Constat enim sextus pes heroi prima syllaba breui*». (fl. cxlv, l. 34-36)

Ora, o verso 32 da secção 18 termina com a palavra *religans*, o que introduz uma anomalia no hexâmetro dactílico, dado que a penúltima sílaba do verso (*li*) é breve. O último pé, então, é constituído por um iambo, e não por um espondeu ou um troqueu, como sucede habitualmente. Barbosa

²¹ Diz Barbosa que, tal como no passo de Virgílio (*Geor.*, 2, 192) se deve interpretar ‘nas páteras e no ouro’ por ‘nas páteras douradas’, também a expressão de Arátor «*Cyprum Salaminaque linquens*» (sec. 1, v. 5) se deve entender como uma hendiádes, pois S. Paulo partiu de ‘Salamina cípria’, uma só terra e não duas.

²² Vd. Verg., *Geor.*, 2, 402; e Serv., *Aen.*, 1, 269.

explica aos seus alunos que se trata de um verso miúdo, ou seja, ‘de cauda menor’, e que Arátor não é o único a cometer tal deslize, pois o mesmo também se verifica no grande Homero (*Il.*, 12, 208).

Frequentemente, os desvios sintáticos dos versos de Arátor são explicados por Barbosa não como incorrecções, mas como imitações da sintaxe grega, à semelhança, aliás, do que acontece com outros poetas latinos. É o caso do infinitivo de fim, na expressão de Arátor «patuit gratia luminis non perimi» (sec. 7, v. 49-50), onde o esclarecimento é ilustrado por vários passos tirados do *Evangelho de S. Lucas*, em grego:

– *Nam et sine articulo et cum articulo multa similiter proferunt Graeci, ut in Euangelio Lucae: Τοῦ δοῦναι γνώσιν σωτηρίας; et alibi, ποιῆσαι ἔλεος μετὰ τῶν πατέρων ἐμῶν; et ἐπιφάναι τοῖς ἐν σκότει, [...] τὸν κατευθῆναι*²³, *et mille alia. Solent enim poetae Latini multa dicere licenter ad imitationem Graecorum, ut: “Decet nobis” – Terentius; et “Desine querelarum”, Horatius; et “Montibus in nostris solus tibi certet Amyntas”*²⁴, *Vergilius». (fl. cxxii vº, l. 47-50)*

Barbosa apresenta expressões de fim construídas com infinitivo aoristo, precedido ou não da preposição τοῦ. Note-se que, no último exemplo, a primeira expressão (ἐπιφάναι τοῖς ἐν σκότει) não usa preposição e a última usa-a (τὸν κατευθῆναι), o que confirma a teoria do comentador. Como é sabido, a utilização de infinitivo presente ou aoristo, precedido de proposição, é uma forma de exprimir o fim, em grego, não sendo, todavia, a mais usual. A imitação dos gregos, até ao nível da sintaxe, é corrente nos grandes poetas latinos, apresentando Barbosa uma série de passos onde se manifesta a chamada licença poética: os verbos *decet*, *desino* e *certo* constróem-se ordinariamente em latim com acusativo e não com dativo (*decet* e *certo*) ou com genitivo (*desino*).

Além destas grandes áreas, ilustradas a partir de alguns passos significativos do comentário, surgem ainda referências dispersas à língua grega, tais como a explicação do género masculino de *crux*, presente num passo da *Vulgata*, que o humanista justifica por analogia com a palavra grega correspondente, ou ainda a explicação do cognome do filósofo escocês João

²³ Vd. *Lc.*, 1, 77: ‘para dar a conhecer a salvação’; 1, 72: ‘para exercer a misericórdia a favor de nossos pais’; e 1, 79: ‘para iluminar os que se encontram nas trevas, [...] para guiar’.

²⁴ Vd. *Ter., Ad.*, 928: ‘Assim nos convém’; *Hor., Od.*, 2, 9, 17-18: ‘Deixa os lamentos’; e *Verg., Ecl.*, 5, 8: ‘Em nossos montes, só Amintas te desafia’.

Duns “Escoto”, compreensível pelo seu estilo obscuro, que também era marca de Heraclito:

– «*Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini Nostri Iesu Christi, per quem*”, *scilicet crucem*, “*mihi mundus crucifixus est et ego mundo*” [Gal., 6, 14]. *Est enim “crux” etiam masculini generis, ut σταυρός apud Graecos*». (fl. cxlv, l. 29-30)

– *Ioannes Caledonius [...] est enim non minus quam Heraclitus ille σκοτεινός uel σκοτάϊος*²⁵. (fl. cxlviii vº, l. 31-32)

Havia, efectivamente, a ideia de que o latim provinha do grego, cujo conhecimento, para os humanistas de Quinhentos, era importante *per se* mas também como *altera uox*, isto é, como meio de acesso a outras fontes. O Cardeal Cisneros resume nestes termos a utilidade desta língua para a Universidade de Alcalá:

*Lingua Graeca fons est et origo Latinae linguae et aliarum scientiarum*²⁶.

Em suma, tendo estudado e ensinado mais latim do que grego e tendo escrito toda a sua obra em latim, Barbosa conheceria certamente melhor a língua latina do que a grega, mas o perfeito domínio da língua helénica era prova de grande sapiência, até pela raridade dos seus especialistas naqueles tempos e naquela universidade.

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MANSO

²⁵ É conhecido que o estilo do filósofo grego era rebuscado e difícil (cf. Cic., *Div.*, 2, 64, 133: «Valde Heraclitus obscurus»), o que lhe valeu o epíteto σκοτεινός ou σκοτάϊος ‘o Obscuro’.

²⁶ *Apud* López Rueda, *op. cit.*, p. 18, grafia modernizada. López Rueda cita este texto das *Constitutiones* do Colégio de S. Ildefonso, para provar que de todas as línguas antigas aí instituídas – hebreu, grego e latim –, o grego era sem dúvida a mais importante.